

Maria de Lourdes Pintasilgo ou ops caminhos de cuidar o futuro

Teresa JOAQUIM

Centro de Estudos da Migrações e Relações Interculturais (CEMRI)
Universidade Aberta, Portugal
tjoaquim@univ-ab.pt

Recibido: 5.10.2010
Acceptado: 6.02.201

RESUMEN

Proponho a apresentação de Maria de Lourdes Pintasilgo (1930- 2004), primeira ministra de Portugal assim como primeira mulher candidata à presidência da república. Esta proposta tem a ver com a reflexão que ela foi elaborando em diversos fóruns internacionais (UNESCO, OCDE , Parlamento Europeu) sobre o conceito de cuidado e, nesse âmbito, da noção de cuidar o futuro.

Palabras clave: Cuidado, Feminismo.

Maria de Lourdes Pintasilgo or ways to care for the future

ABSTRACT

In this paper, I propose an examination of Maria de Lourdes Pintasilgo (1930- 2004), the first woman to be prime minister of Portugal, as well as the first woman candidate for the presidency. This proposal has to do with the reflection she elaborated in various international forums (UNESCO, OCDE, the European Parliament) on the meaning of care, and, with it, the meaning of caring for the future.

Key words: Care, Feminism.

1. INTRODUCCION

Em primeiro lugar gostava de referir que este texto não aborda directamente o tema do dossier *Praxis ecofeministas nas culturas ibéricas* por razões que se prendem com o desenvolvimento da sociedade portuguesa contemporânea nas últimas décadas do século XX, e no contexto de transição para a democracia, após um longo período de regime autoritário no qual a intervenção da sociedade civil foi cerceada e esmagada nas suas diversas formas. Este esmagamento de iniciativas de ordem diversa (associações de mulheres, culturais para não falar em políticas, etc), todas as que poderiam pôr em causa o regime foram proibidas. Nesse sentido, o pós 25 de

Abril de 1974, é a aprendizagem de uma palavra individual e colectiva no espaço público. Como diz Deleuze,

«Mas o sucesso duma revolução não reside senão nela mesma, precisamente nas vibrações, os abraços, as aberturas que ela deu aos humanos no momento em que ela se fazia, e que compõem em si um monumento sempre em devir, como esses « tumulus » a que cada novo viajante traz uma pedra. A vitória de uma revolução é permanente e consiste nos novos laços que ela instaura entre os humanos, ainda que estes não durem além da sua matéria em fusão e dêem depressa lugar à divisão e à traição » (pg 167, sm).

Nesse contexto pós-revolução e, na ausência de uma sociedade civil forte e interveniente, não foi possível o surgimento de novos movimentos sociais ou os mesmos foram sempre débeis tais como, por exemplo, os movimento ecologistas e feministas e, assim também da possibilidade da existência de praxis ecofeministas que não sob formas larvares e quase imperceptíveis e que necessitariam de uma elaboração diversa no seio do movimento feminista.

Com a « Revolução dos Cravos » (1974), a igualdade entre homens e mulheres passou a ser parte integrante da Constituição da República Portuguesa (artº 13º), não sendo preciso nenhuma intervenção, por parte dos grupos de mulheres, para obter a igualdade. Neste enquadramento jurídico foi necessário, somente a luta pela despenalização da interrupção voluntária da gravidez que só terminou (?) em 2007.

Estas breves referências servem para caracterizar de modo sintético a agenda feminista, neste período democrático, marcada sobretudo pelas questões da igualdade e não tendo havido, no contexto português, um debate em torno dos conceitos de *igualdade* e *diferença* como, por exemplo, no contexto feminista dos anos sessenta e setenta em Itália ou em França, onde esta questão é pensada desde o Iluminismo.

Neste contexto, proponho-me antes apresentar o percurso de Maria de Lourdes Pintasilgo (MLP) – 1930-2004 – que católica e com formação em Engenharia foi a primeira Primeira Ministra de Portugal, primeira candidata à Presidência da República. Esta proposta de travessia deste percurso pessoal tem a ver com a reflexão que ela foi elaborando em diversos foruns internacionais (UNESCO, OCDE, Parlamento Europeu) sobre o que significa *cuidar* e, nele, o que significa *cuidar o futuro* : lembrando também uma conferência cujo subtítulo é « *a construção de uma teoria das mulheres*»: expressão que deu nome à Fundação que ela criou como forma de prossecução do pensar esta questão em vertentes diversas.

Pode-se dizer que o pensamento de MLP se inscreve ou está mais próximo de uma articulação entre estes conceitos – *igualdade e diferença* – numa reelaboração do político em que, simultaneamente, houve sempre a atenção aos problemas das mulheres :- fundou em Portugal em 1957 com Teresa Santa Clara Gomes, o movimento internacional de mulheres cristãs, GRAAL– e às suas prátiacs, saberes e conhecimentos como forma de afirmação mas no quadro de um repensar politicamente a

sociedade na sua globalidade. Há, pois, uma valorização da diferença, de uma cultura das mulheres mas no âmbito de um projecto societal e político em que transpareça a dignidade da pessoa humana.

« Digo para mim mil vezes, escuto-me a dizer aos outros estas palavras re-volução fun-da-do-ra e uma pergunta ansiosa nos olhos, nos lábios sem os abrir, no coração a bater mais depressa : ‘entendem o que quero dizer ? »(MLP)

Revedo os *temas insistentes* que a enquadram e descrevem, neles aparece de forma repetida a noção de ser a primeira : da classe, a primeira engenheira da CUF, a primeira Primeira Ministra, a primeira candidata a Presidente da República. E nela, esse ser primeira, reenvia para o facto de ser mulher e esse ser mulher e a insistência no seu pioneirismo (a primeira mulher) é também o sentimento ambivalente de ela ser mulher num mundo que não era para ela, para elas, e que ela diz de forma lapidar, sobre a sua experiência enquanto Primeira Ministra. Num encontro internacional de mulheres em S. Francisco (Califórnia) em 1997, ela evocou com bom humor o seu exercício de Primeira Ministra na Assembleia da República. Diz ela : « perguntei : é o programa ? as ideias ? as medidas ? Um deles gritou : ‘é você !’ Um silêncio de morte cai na Câmara. Fez-se o exorcismo. A palavra foi dita. Ficou claro que o simples facto de eu ser uma mulher era insuportável para eles » (BEL-TRAO, 2007:247).

Mas a dificuldade, hoje, não está em retrair o seu pioneirismo – « o ser a primeira mulher que... » -, o difícil é perceber o que a fez traçar esse percurso e o que nos faz hoje a nós próprios, *colarmo-nos* a essa visão, na qual são sistematicamente delineadas certas linhas de compreensão, de certo modo fixas, em que são preferidas certas vertentes, em particular: a vertente cristã, a vertente religiosa (que no seu percurso nem sempre coincidem), a vertente política. E tenho sempre a noção de que estas vertentes para formarem o seu percurso pessoal são-nos úteis enquanto formas de nós próprios a compreendermos, herdeiros que somos da *definição* de Aristóteles, herdeiros que somos de delimitar, esquartejar, para compreendermos, presos que estamos hoje numa quase incapacidade de re-ligar, de reaprender que a definição é um momento importante do conhecimento, mas que hoje estamos nesta situação contraditória de uma especialização excessiva contra a qual o seu pensamento e acção se tentava elaborar e articular recriando ligações, « *redes* » entre os diversos agentes, no plano local como forma de trabalhar o global, nesse distante já tão próximo, tanto a nível temporal como espacial.

« Eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura ».

Fernando Pessoa

Como ela afirmou, na Conferência das Nações Unidas sobre *Ambiente e Desenvolvimento*, no Rio de Janeiro em 4 de Junho de 1992.

« Começo lhes dizendo que não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos e milénios. O que me interessa, a minha tentativa, é procurar como as mulheres podem, de maneira original, dar um contributo para vivermos uma história de dimensão humana e global » (in *Ex-Æquo*, 2005, 166).

Dimensão humana e global que, transparece na leitura dos seus textos pessoais, como num manuscrito existente no arquivo da Fundação Cuidar o Futuro (FCF), em que ela refere alguns factos que : «*convergiram para acordarem em mim a certeza de que as mulheres são iguais aos homens nos direitos e dignidade* », a saber , por exemplo, imagens da história de Portugal (os grandes modelos femininos) e sobre os quais ela afirma

«... este foi o lado do condicionamento social da minha consciência de ser mulher. O outro lado brotou de mim mesma, ver-me, ouvir-me, sentir-me como um ser humano de pleno direito, nem complemento nem – e aqui há rasura – sucedâneo, propriedade, dependente de outro – também rasurado – ser humano, e saber-me, pensar-me, exprimir-me como – rasurado – uma mulher que ia descobrindo a sua mais funda originalidade : a de ser mulher »

Julgo que o facto de ela ser engenheira a protegeu, duma protecção do ponto de vista das suas qualificações, nela existindo uma tensão entre os discursos técnico e científico, por um lado, e a literatura e a filosofia.

Tensão entre discursos que irá certamente acentuar a preocupação que ela tinha com as questões relacionadas com os *entre-saberes*, da complexidade e da necessidade de elaborar uma nova forma de fazer teoria que devesse ser buscada na interpenetração dos saberes e aí, historicamente, certamente seria interessante pensar, entre outros, nas multifuncionalidades que as mulheres desenvolveram ao longo de séculos e não no corte entre teoria e prática (portanto são os conceitos de teoria e prática que aqui são deslocados e repensados). Ao contrário do que muitas vezes foi dito sobre ela, de forma pejorativa, existia nela uma tentativa de abrir a racionalidade dominante que hoje se encontra num processo de desagregação, mesmo se isso significa a elaboração de formas mais sofisticadas de dominação dos seres humanos, da Terra e de todos os que nela vivem. Buscar outras formas de racionalidade não significa pois cair na irracionalidade, nem certamente, do ponto de vista dela (mas disto eu não sei) em espiritualidades desincarnadas, mas antes criar instrumentos técnicos, conceptuais, processos cujo rigor se elabora numa outra articulação. Por isso, o seu discurso - assim considerado por vezes pejorativamente - não era utópico, antes tinha um *topos* que se ia elaborando, fazendo, refazendo, com essa componente técnica, científica, forte.

O pensamento político de M. L. P. – que nela reveste um carácter complexo, que não é exclusivamente o exercício do poder – e as formas que este pode tomar na realidade, como, por exemplo em alguns dos temas que atravessam o livro *Cuidar o Futuro*, dizendo a oportunidade e o risco que existe na incerteza e nas questões que

o atravessam: Que carga suporta a Terra ? questões sobre a qualidade de vida (do ponto de vista social, ambiental, económico, cultural).

Mulheres e desenvolvimento : outras formas de habitar a Terra, de a cuidar, ou outra relação entre economia e ecologia, na sua definição etimológica, entre o discurso e a regra sobre as casas (fundamento da política, da polis). Como fortalecer a sociedade civil : como contribuir para a sua vitalidade, ou a redefinição dum novo contrato social.

2. INTERROGAÇÕES OUTRAS

« É possível afinal mudar a vida ? »
 « Que diferença faz ser cristã ? »,
 (Ex-Æquo, 2005, 166-8).

Estas interrogações atravessaram a sua vida como a busca de um outro lugar à semelhança de Beckett ; esse *outro lugar*, onde ela tecia os fios de compreensão do mundo, da vida, nesta perguntas insistentes e relembrando essa busca de um outro lugar, de um outro ponto de vista, o seu livro *Os Novos Feminismos*, cujo subtítulo é *Interrogação para os cristãos* ? publicado em 1980, em França, cuja forma interrogativa diz como que uma inquietação, uma vulnerabilidade, uma marca que não se apaga.

Ela cita a carta a Diagoneto de um cristão anónimo do século II, que diz:

« não se distinguem os cristãos dos demais nem pela região, nem pela língua, nem pelos costumes. Não habitam cidades á parte, não empregam idiomas diferentes dos outros. [...] moram alguns em cidades gregas, outros em bárbaras, conforme a sorte de cada um ; [...] moram na própria pátria mas como peregrinos. Enquanto cidadãos, de tudo participam, porém tudo suportam como estrangeiros. Toda a terra estranha é pátria para eles e toda a pátria terra estrangeira».

Ora, esta questão, que « *toda a terra seja pátria para eles e toda a pátria terra estrangeira* », cria um *descentramento* em relação a todas as ideologias, tanto políticas como religiosas ou outras, mesmo daquelas que sob determinada perspectiva podem estar próximas como, por exemplo, o marxismo ou o feminismo.

3. O RISCO DE PENSAR

Nos temas anteriormente enunciados (cf II) que percorrem o livro *Cuidar o futuro : um programa radical para viver melhor* (1998), expressa-se como que o risco de pensar de modo interdisciplinar e prospetivo. No pensamento de MLP, a noção de *cuidado* tornou-se central , inspirada, creio, em autores que a acompanharam desde há muito (S. Weil, Merleau-Ponty, Levinas) e em alguém que julgo que para

ela fazia a ponte (e para muitos dos que tiveram uma formação religiosa e não a queriam deixar de a ligar - ou pelo menos não a desligar - das questões científicas e tecnológicas), a saber Teilhard de Chardin.

Autores que lhe permitiram fazer a ponte, esse tecer cumplicidades, esses *entre-saberes* ou outro nome para a interdisciplinaridade, entre-saberes que ela liga sintomaticamente à noção de migrações :

entre teoria e prática
entre várias disciplinas
entre ciências da natureza e ciências humanas
entre fenómenos científicos e movimentações sociais.

Migrações, pois, que permitem os entre-saberes, a noção de complexidade, de que afirma :« *Há muitos anos que esta nova ciência invade, informa, estimula o meu próprio pensamento* », indo buscar inspiração às obras de Bateson, Prigogine, Isabelle Stengers, Edgar Morin, que propunham uma *Metamorfose da Ciência* que, julgo que para ela estava intimamente ligada à *Metamorfose da Política*. « *Enquanto os discursos políticos funcionarem apenas com as categorias tradicionais, ficam na gaveta os problemas complexos* ».

Autores que a acompanharam, e que nos últimos anos da sua vida julgo que, além de Hannah Arendt (para quem, o trabalho, a obra e a acção se encontram entretrecidos na narrativa histórica – e não recapitulável – de cada pessoa), Hans Jonas e a sua ética da responsabilidade que:

« Assentará antes no *Sorge*, no cuidado, que nos põe no centro de tudo o que nos acontece e que nos faz responsáveis pelo outro, o outro que pode ser um ser humano ou um grupo social, um objecto, um património, a natureza, o outro que pode ser o nosso contemporâneo mas que será cada vez mais um outro, futuro, cuja possibilidade de existência temos que garantir no presente. [...] Uma tal ética é difícil de instituir, não só porque é contra-hegemónica, mas também porque se centra no futuro. [...] A responsabilidade fundamental está em criar a possibilidade de haver responsabilidade » (JONAS, 1984, p. 186).

Abrir, segundo Hans Jonas, essa ética não só em relação ao futuro, mas voltando, de forma incontornável para ela que pensava o político, a Sócrates e à revisitação actual da noção de cuidado – nesse vai e vem entre cuidar de si e cuidar dos outros que é bem diferente da noção de cuidado que impregna(va) tradicionalmente a socialização das raparigas e das mulheres. Ou ainda: « *E quando tudo fôr difícil e parecer que estamos sem saída, é preciso encetar o caminho para o centro de nós* », cuidar de si como responsabilidade também em relação aos outros, nessa releitura entusiasta que ela fazia de Michel Foucault. Diz ela, retomando Sócrates : « *Comecem uma coisa simples ao vosso alcance. Digam a quem encontrarem, mesmo uma só vez, que é possível outra coisa* ».

4. URGENCIA

« a reflexão irá conduzir-nos a uma grande urgência na acção, qualquer que seja o nosso lugar na sociedade »
 (« O dia de reflexão »)

Urgência [é] uma palavra dela : a urgência das coisas, das vidas, das pessoas ou pegando na citação do teólogo Chenu : « *O lugar do seu trabalho era o acontecimento* », há ainda outras palavras que a movem e incitam : lucidez, coragem, poesia (como uma espécie de respiração interior) como este poema que lhe foi dedicado pela poeta Fiama Hasse Pais Brandão intitulado *às vezes as coisas dentro de nós* :

« O que nos chama para dentro de nós mesmos
 é uma vaga de luz, um pavio, uma sombra incerta.
 Qualquer coisa que nos muda a escala do olhar
 E nos torna piedoso , como quem já tem fé (...) »

5. CUIDAR O FUTURO OU UMA NOVA VOZ : O PODER DAS MULHERES

MLP foi presidente da Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida (ICPQL), segundo ela, a missão que fora atribuída oficialmente a esta Comissão era muito ambiciosa « *elaborar: uma nova visão das questões internacionais de população, tomando como elementos fundamentais de referência os direitos humanos e as condições socio-económicas* »(pg viii). No trabalho desta Comissão foi dado um papel preponderante a testemunhos recolhidos em várias Audições Públicas nas principais regiões do mundo (pg x) ; e, segundo MLP ; foram « as vozes das pessoas » que lhe permitiram discernir as questões essenciais, para além dos relatórios dos peritos e das suas especializações, no repensar a noção de *população* não meramente, enquanto números, demografia, mas enquanto pessoas ecoando essa voz que afirmava colectivamente alguns anos antes:« nós, os povos da Terra ! ».

Nessa voz, e no cerne da noção de cuidar, encontra-se esta nova voz : o poder das mulheres (pg 287) :« Só ocorrerá uma mudança se as mulheres, totalmente conscientes dos seus direitos e responsabilidades, em todos os níveis, expressarem as suas convicções colectivamente. Esta será, verdadeiramente, uma voz diferente : uma voz que vai integrar em vez de excluir, uma voz que vai estimular a convergência em vez da separação, que vai abandonar direitos abstractos para substituí-los por capacidades vividas, uma voz que coloque a justiça directamente nas mãos daqueles que têm capacidade de *cuidar dos outros* (pg 287).Cuidado pensado na procura de « uma ética universalmente aceite de cuidarmos de outros seres humanos, de cuidarmos da nossa casa : a Terra » (pg 343).

Estas seis « entradas » não esgotam o percurso de MLP e, nesse sentido, podem consultar o arquivo da Fundação Cuidar o Futuro, aberto à investigação e à reformulação de questões e de problemas deixados em suspenso. MLP encarnou/a rupturas no contexto da sociedade portuguesa contemporânea- e « nesse entendem o que quero dizer ? », ela que, não foi muitas vezes entendida, mas deixou-nos a interrogação da busca e o trabalho de pensar o futuro no cuidado pelos outros (quaisquer que eles sejam) que o habitarão « (n)essa casa : a Terra ».

ANEXOS

<http://www.fcuidarofuturo.com/>

<http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx>

A obra publicada de Maria de Lourdes Pintasilgo é variada, contemplando desde livros, ensaios, relatórios, conferências, prefácios, além de um vasto número de artigos em jornais e revistas. As principais temáticas abordadas nos seus artigos são sobre a participação das mulheres no desenvolvimento/qualidade de vida, na cultura e na política, a renovação da teoria e prática políticas, a espiritualidade e o compromisso cristãos. Merecem destaque os seus principais livros: *Sulcos do nosso querer comum* (Porto, Ed. Afrontamento, 1980); *Imaginar a Igreja*, (Lisboa, Ed. Multinova, 1980); *Les nouveaux féminismes: question pour les chrétiens?* (Paris, Éditions du Cerf, 1980); *As dimensões da mudança* (Porto, Ed. Afrontamento, 1985); *As minhas respostas* (Lisboa, Ed. D. Quixote, 1985). Prefaciou ainda a segunda edição das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (1974).

FONTES

Arquivo *Maria de Lourdes Pintasilgo* – Centro de Documentação e de Publicações/ Fundação Cuidar O Futuro Comissão Independente População e Qualidade de Vida, *Cuidar o Futuro: Um programa radical para viver melhor*, Lisboa, Trinova Editora, 1998.

Mulheres Políticas – As suas causas, coord. de Ana Maria Bettencourt e Maria Margarida Silva Pereira, Lisboa, Quetzal Editores, 1995, pp. 215-227
Palavras Dadas de Maria de Lourdes Pintasilgo, coord. de Isabel Allegro de Magalhães, Lisboa, Livros Horizonte, 2005

BIBLIOGRAFÍA

BELTRÃO, Luísa, HATTON & Barry (2007): , *Uma História para o Futuro*, Lisboa, Tribuna da História.
BRAGA DA CRUZ, Ana M^a (cord.) (2007): *Pensar o futuro*, Publicações Fundação Cuidar o Futuro.

- HENRIQUES, Fernanda (2005): *Ex Aequo : Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, n.º 12.
- JOAQUIM, Teresa (2005): “era uma vez de todas as histórias”, *Ex Aequo : Um Legado de Cidadania, Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, n.º 12, pp 163-169
- MAGALHAES, Isabel Allegro de (coord.) (2000): *Mulher das Cidades Futuras*, Lisboa, Livros Horizonte.
- REIS, Antonio C, (coord.) (1996): *Portugal: 20 Anos de Democracia*, Temas e Debates. (2006): *Publicações Terraço: Faces de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Lisboa, Graal/Terraço, n.ºs 27/28, Outubro.
- SOUZA, Maria Reynolds de (2005): «Procuradoras à Câmara Corporativa» in *Dicionário no Feminino: Séculos XIX e XX*, dir. de Zília Osório de Castro e João Esteves, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 818-824
- SOUZA, Maria Reynolds de (2005): «Maria de Lourdes Pintasilgo» in *Dicionário Biográfico Parlamentar 1935-1974*, dir. de Manuel Braga da Cruz e António Costa Pinto, vol. II, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/ Assembleia da República, pp. 477-479.